

## Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón Roma, 26 de outubro de 2011

*Texto de referência: O senso religioso (capítulo X). Brasília: Universa, 2009. “Viver sempre intensamente o real”, texto do Dia de Início de Ano 2011, Passos, Nov/201, 1 pp. 06-21.*

- *Il mistero*
- *Alecrim*

Glória

**Carrón:** Continuando o nosso trabalho sobre a Escola de Comunidade, gostaria de começar lendo algumas cartas que colocam o dedo na ferida da dificuldade na qual tantas vezes nos encontramos. Uma pessoa me escreve: “Está claro para mim o maravilhamento da presença. A natureza me toca, minha mulher e os meus filhos me maravilham, uma bela tarde passada junto com os amigos me maravilha, suscitando-me uma sincera gratidão por aquilo que me é dado. As coisas bonitas me remetem ao seu Criador. Mas a distração e as preocupações lançam um véu sobre este juízo: as dificuldades no trabalho, os relacionamentos de trabalho tantas vezes marcados por um único critério de juízo que é a rentabilidade da minha ação (tente imaginar, neste período, o quanto há para ficar alegre), o estresse do desempenho, as incompreensões na família, a incerteza sobre o futuro. Em suma, as fadigas do viver me mostram o quanto é, pelo contrário, vacilante e flutuante a atração pela realidade. O resultado é um desinteresse pelas coisas e um entristecimento, uma incapacidade de reconhecer algo de positivo em toda a realidade, mesmo naquela aparentemente hostil. É certamente um problema de pouca fé que gostaria de corrigir, mas pergunto como é para você, se pode nos ajudar a dar um passo”. Parece-me que descreva bem a situação de todos: em alguns momentos somos obrigados a dizer que fomos tocados ou maravilhados pelo real, mas depois todas as dificuldades, as distrações, as preocupações, as dificuldades do trabalho, os relacionamentos, etc, “lançam um véu sobre este juízo”. Então, o resultado é claro: desinteresse-me pelas coisas, me entristeço. Se isto prevalecer, no fim, viveremos como todos: quando as coisas estão bem, tudo bem, quando vão mal, tudo mal. No fim, o que é colocado em discussão nesta situação é o juízo: mas, a realidade, em última instância, é verdadeiramente positiva ou não? Todas as coisas lançam um véu sobre o juízo ou não? A carta termina dizendo que é “certamente um problema de pouca fé”. O que vocês me dizem sobre isso? Eu digo: não, não é um problema de fé, mas é um problema da razão! E este é o desafio fundamental que o capítulo décimo lança para cada um de nós. Quando todo o capítulo décimo de *O senso religioso* diz que a realidade, com toda a sua radicalidade, com toda a sua imponência, é positiva, está dizendo algo verdadeiro ou não? Este é o juízo que devemos dar, porque, de outra forma, dependeremos de como estão as coisas, e então “as fadigas do viver me mostram o quanto é, pelo contrário, vacilante e flutuante a atração pela realidade”. Por isto, emerge uma pergunta radical: a realidade é verdadeiramente positiva ou não? Depende de como as coisas estão? Já sabemos que se depender de como as coisas estão, quando estiverem bem, estarão bem, mas o problema é quando não estiverem bem (como tantas vezes não estão)! Então, quando dizemos que a realidade é positiva, somos visionários? Cada um pode fazer a comparação com aquilo que Giussani diz, porque isto é fazer a Escola de Comunidade: podemos dizer em paz, com certeza, com um uso pleno da razão, que a realidade é positiva ou nos encontramos, como diz esta carta, nesta flutuação? Quando nos encontramos diante das situações, como reagimos? Diante da doença ou diante da crise, ou diante da dificuldade dos relacionamentos, ou diante da situação da família, estamos verdadeiramente convencidos de que a realidade é positiva, ou seguimos dizendo isto apenas por causa de uma espécie de furor voluntarista (“Temos que dizer assim porque somos do Movimento, porque somos cristãos”)? Podemos dizer isso com o uso pleno da razão? Entendem qual é o desafio? Disto não podemos escapar, porque se não fizermos este trabalho, mesmo se viermos aqui a cada quinze dias este problema não será resolvido (e depois o juízo vai acabar dependendo de como as coisas estão...). O juízo depende apenas das

flutuações da nossa sensibilidade? Que esta folha de papel seja branca é verdade ou depende do estado de ânimo com o qual eu a olho? Um juízo: a minha doença, a dor nos dentes, ou o fato de ter perdido o trabalho pode colocar em discussão um juízo? Se dissermos que se introduz um véu sobre o juízo, quer dizer que não aprendemos ainda o que é um juízo. Por isso nos interessa entender bem o que é um juízo. Porque a realidade existe, seja lá que cara ela tenha, ela existe. E isto não depende do estado de ânimo pelo qual estivermos passando. Então, isto quer dizer que devemos aprender de novo certas coisas que dizemos: o que é um juízo (porque, tão logo acontece alguma coisa na vida, vemos que não está claro o que é). E por quê? A segunda carta responde muito bem a esta pergunta: “Caro Julián, relendo o texto do Dia de Início de Ano, me dei conta de que aquele ir até o fundo da razão, até o ponto de alcançar o Tu real de onde broto, é sobretudo o que me escapa. Tantas vezes não experimento o contragolpe e não sou nem mesmo consciente dele, mas outras tantas vezes sim. Mas, qual é o uso da razão de que você fala? É um uso, ousaria dizer, que não conheço. A passagem do contragolpe ao Tu, do jorro d’água à fonte, na minha experiência, continua sendo abstrato. Às vezes, se impõe na vida, em certas circunstâncias, o Tu real, mas não dura. Nada parece me arrancar de forma definitiva da incerteza estrutural; nenhum marido, nenhum filho, nenhum céu, nenhuma folha, nem mesmo a dor. O Acontecimento acontece, me arranca das minhas ideias sufocantes, me escancara para a beleza da vida, para o amor de Cristo, para a gratidão por ter sido salva mil vezes; desperto, sim, por um tempo, mas eu diria que, em seguida, me fecho outra vez. Fico melhor quando sou fiel à Missa cotidiana, mas nem mesmo isso é o que posso dizer que seja decisivo [porque, tantas vezes, “usamos” a Missa para não usar a razão]. Tenho dificuldade de entender que exista um uso da razão capaz de mudar, de agir de forma carnal, de incidir sobre tudo, sobre a dimensão do meu eu; a divisão permanece”. Parece-me que isso expressa de modo evidente a dificuldade. Por quê? Porque, para nós, este uso da razão é desconhecido. Quando falamos de “positivismo” não estamos dizendo uma palavra complicada, distante da nossa experiência, estamos descrevendo aquilo que muitas vezes encontramos em nós: um uso da razão que permanece somente na aparência. Por isso a passagem do contragolpe ao Tu, do jorro d’água à fonte, permanece abstrata, por isso pensamos que dizer “Tu” seja algo que acrescentamos à realidade porque somos um pouco visionários. E, como o afirmamos apenas como voluntarismo (“Porque somos nós que decidimos”), não dura. Se eu digo “esta folha de papel é branca”, isto é um reconhecimento, posso repousar e relaxar porque continuará sendo branca mesmo daqui a cinco anos. Esta folha não deve ser branca só porque eu sustento que seja branca, se fosse assim não duraria muito. Imaginem se pudéssemos passar disso a chegar a dizer do contragolpe ao Tu, do jorro d’água à fonte. De fato, quantas vezes nós contestamos: “Mas, por que é que eu preciso acrescentar o Tu?”; parece uma complicação – dizíamos isto no Dia de Início de Ano –; parece que dizer “Tu” seja algo que nós acrescentamos por hábito voluntarista (e por isso, outros que não estão habituados como nós, dizem “o nada”). Vocês veem que podemos estar aqui e não fazer esta passagem, este trabalho? Se não aceitarmos a proposta de Giussani de um uso verdadeiro e completo da razão, depois, diante do real, permaneceremos sempre nesta incerteza estrutural – é impressionante a perspicácia da nossa amiga: não vai adiantar o marido, ou o filho, ou o céu, ou a folha para me dar a certeza que eu não tenho. Então, vocês conseguem entender que relação existe entre o encontro com Cristo e o uso da razão! Se o encontro com Cristo não desperta a razão e não é uma introdução à realidade total – estamos juntos para aprender a usar a razão assim, para nos ajudarmos e nos sustentarmos neste uso da razão segundo a sua verdadeira natureza –, tudo o que fizermos é inútil, mesmo o vir até aqui a cada quinze dias, porque não conseguirá nos mudar substancialmente; além do mais, não nos interessará mais, porque, se depois de um certo tempo a pessoa não muda, perde o interesse também por aquilo que diz ter, isto é a fé. Por isto, uma fé que não nos faz usar a razão de forma diferente, não apenas nos deixa positivistas, como também nos torna céticos, na medida em que a fé não é capaz de despertar toda a capacidade da pessoa de reconhecer o real. Então, a pessoa deve fazer-se esta pergunta: a presença das coisas (o fato que as coisas existam) implica verdadeiramente a existência de algo de outro? A presença do real é criada por nós, se cria por si mesma ou implica algo de outro? Ou nós começamos a nos fazer estas simples perguntas, de modo a não ficarmos enjaulados num uso reduutivo da razão, ou no fundo a

nossa fé será sempre algo de acessório acrescentado a um eu – como digo sempre – perfeitamente já constituído, como um chapéu sobre a minha cabeça que, no fundo, é apenas decorativo, não muda o modo de olhar, não muda a realidade das coisas. Por isso a maioria das pessoas pode prescindir desse chapéu, porque, no fundo, é um acessório decorativo, não é decisivo para viver. Esta é a verificação que estamos fazendo desde 26 de janeiro [apresentação de *O senso religioso*]: ou o cristianismo é capaz de despertar a razão, de modo a poder reconhecer o real assim como é; ou permaneceremos na incerteza permanente, e então a divisão também permanecerá, como diz uma outra carta: “Há outra questão que me corrói, é a flutuação da afetividade [se não se chega a tocar o real na sua origem, permanecemos flutuantes na afetividade]. Quero entender como estar diante das coisas que afetivamente me determinam de maneira que me falem mais da Presença que as faz, que revelem o Seu rosto”. De fato, se não chegarmos a agarrar a realidade, a afetividade flutua: agora é assim, depois de cinco minutos é assado, e ficamos à mercê de tudo. Por isto, se não começo, não a repetir as frases, mas a aprender um uso correto da razão, quando estou no meio da luta, quando me encontro quase sufocando nas circunstâncias, estou acabado. Mas, isto é tudo ou – também nisso – o fato que eu exista, mesmo sufocando, não rindo, eu, eu mesmo, agora, nesta situação, implica um Tu que me faz? Porque é então que eu começarei a olhar para mim mesmo como querido por um Outro, para além do sentimento que experimento. É exatamente porque reconheço isto que posso mudar o sentimento. Nós, pelo contrário, concebemos as coisas ao avesso: primeiro devemos mudar o sentimento, porque é isto que me convence que o meu eu existe. Não, é a razão que me convence que existe, e por isso posso mudar o sentimento! Mas nós viramos os termos de cabeça para baixo e, dessa forma, nos tornamos vítimas dos estados flutuantes do sentimento, e estamos sempre à mercê de tudo. Como descreve outra carta que leio, esta falta de conhecimento leva a quê? “Decidi escrever-lhe porque me parece ter chegado a um ponto do trabalho de Escola de Comunidade no qual não consigo ‘sair do lugar’. Parto da minha experiência. Atualmente, estou aposentada, tenho os filhos crescidos, não tenho netos, tenho, seguramente, a possibilidade de viver o tempo segundo critérios que me são agradáveis, como se fosse um longo período de férias. Comprometi-me a ajudar pessoas que podem ter necessidade de mim – sou médica –, na preparação de enfermeiras, em consultorias, etc. Tudo o que faço é feito com gosto, ninguém me obrigou a fazer, fui eu que escolhi, mas depois surgiu uma pergunta: os compromissos que levo à frente podem conferir sentido para o meu dia? A resposta é não. Não são o significado do meu dia, mesmo se eu fizesse outra coisa... Poderia dizer que até o relacionamento com os filhos não dá o significado do meu dia, me dou conta de que desejo outra coisa, qualquer coisa de grande, qualquer coisa que possa corresponder até o fundo ao meu coração, e, pela manhã, já me levanto desejando que este algo de grande possa me acontecer. O ponto verdadeiro é este: para que Cristo seja uma experiência verdadeira é preciso que aconteça agora, seja encontrável agora, eu vivo esperando que aconteça agora, mas não O encontro naquilo que vivo, e isto parece uma contradição para mim. Não me assusta o desejo de infinito que eu tenho, porque, trabalhando sobre a Escola de Comunidade, entendi de verdade que perceber uma falta é um positivo (porque a pessoa percebe a falta de algo que experimentou e conheceu, não de algo que não conhece). Diga-me, como posso ainda trabalhar para ser cada vez mais verdadeira?” Vocês percebem como não vemos como presença as coisas presentes? Esta amiga diz que percebe este desejo de infinito. Começou a entender, não entendeu até o fundo ainda; por que este desejo de infinito é um positivo, por quê? Porque experimentou e conheceu algo. O desejo de infinito é já o primeiro sinal da Sua presença, mas não se dá conta disso. Bem como não usamos a razão segundo a sua natureza, não conseguimos dar este passo passando do contragolpe para o Tu, do jorro d’água à fonte, do reconhecer o desejo de infinito ao reconhecer Aquele que me dá este desejo de infinito, que o desperta em mim continuamente (porque na sua idade, aposentada, tantos já são absolutamente céticos). Que alguém tenha este desejo de infinito ainda vivo assim, é dado por nós mesmos ou é uma coisa presente como presença? Esta é a modalidade com a qual eu começo a reconhecer que há Alguém que ainda me desperta. Porque, como dizíamos da última vez, se alguém se encontra diante deste desejo assim imponente de infinito, deve se perguntar lealmente: mas, este desejo de infinito em nós, que somos tão pobrezinhos, é despertado por nós mesmos? Ou este é o primeiro sinal da Sua presença? Então, quer

dizer que, sobre este ponto, ainda temos muito trabalho a fazer, como diz esta última carta: “Finalmente, eu entendi o ponto que me bloqueou por anos [e qual era o ponto?]. Sempre usei o meu pensamento religioso e as palavras do Movimento como álibis para não trabalhar. Mais ou menos conscientemente, o fato de pensar e de conhecer a resposta para a minha necessidade humana, Jesus Cristo, me bloqueou na busca. Repeti ‘Cristo’ sem procurar de verdade. Já sabia e isto fez com que Ele se tornasse [olhem a consequência!] cada vez mais estranho e ‘antipático’, e eu cada vez mais cética, míope e desiludida [uma fé sem senso religioso, uma fé que, ao invés de despertar o senso religioso, achata o senso religioso porque penso já saber, leva ao ceticismo, à miopia e à desilusão]. Lembro como reagi, anos atrás, ao título dos Exercícios – ‘Cristo atrai-me todo a si, tão belo é’. Secretamente eu me perguntei: mas, onde? Nunca respondia à minha nostalgia, e a Sua pretensão se tornava cada vez mais insuportável porque decepcionante. Permaneci no Movimento um pouco por hábito, mas sobretudo porque, graças ao Céu, você e outros amigos não pararam de fazer vibrar alguma coisa de mim que eu descobri ser o meu eu mais profundo, sede de tudo o que eu sou, e sozinha eu sei bem que não sei ficar de frente para isso. A sua contínua insistência me fez entender que está em jogo, de verdade, a possibilidade de algo de grande para mim, e decidi seguir. Seguindo de verdade, eu entendi que nunca havia seguido, porque, para mim, no fundo, nunca me interessou descobrir nada nem de mim nem da realidade, sempre me contentei com a convicção de outros [repetindo as coisas que outros descobriam]. Mas, isto não basta para o coração. Olhei para mim mesma em ação: que susto! Artificial, não livre nos relacionamentos, sempre em busca de um consenso [porque se uma pessoa não descobre algo de verdadeiro fica sempre em busca do consenso dos outros], parada sobre mim mesma, impiedosa no juízo sobre os outros. Seguir. Levei a sério a Escola de Comunidade e os avisos, portanto comecei a dedicar o meu tempo à leitura atenta dos textos e procurei participar o mais possível dos gestos propostos. Seguir. A oração: comecei a ir à Missa todos os dias, pedindo que me revelasse o meu e o Seu verdadeiro rosto. A origem de todos estes ‘seguir’ foi e continua sendo o sincero pedido de que algo de mim e da realidade se revele para mim mesma [o que nos coloca em movimento? A consciência da necessidade: quando somos verdadeiramente conscientes da necessidade começamos a nos mover]. O impacto com a realidade me fez ver a minha impotência de manter aquilo com o que me importo, não sou capaz de salvar nada do meu dia, e as pessoas a quem eu quero bem me escapam, sou obrigada a buscar algo que salve a mim e às pessoas queridas. Empenhada assim [empenhada assim!], o dia se tornou interessante, as sugestões dadas se tornaram um ponto de partida cheio de autoridade, é uma estupidez não levá-las em consideração; as palavras lidas e escutadas entram em diálogo com a minha procura e busco a companhia [começa a buscar a companhia que a ajuda nisto]. Ainda estou titubeante, mas encontro a coragem de propor como tema, com alguns amigos, certas perguntas não mais como afã de dizer a coisa justa, mas de descobrir o nexos entre Ele e eu, me desligo da imagem que tenho de mim, que construí, e me descubro livre no relacionamento com os outros. A aventura recomeçou [é assim: a aventura recomeça quando nos deixamos gerar pelo carisma, ou seja, quando o levamos a sério, quando simplesmente começamos a seguir]. Tudo ganhou interesse outra vez e os instantes são passos [atenção: os instantes são passos da estrada], não mais instantes cheios de nós, e me surpreendo olhando para mim mesma com ternura, não mais com susto, e me comovo com o fato que poderia até mesmo me apaixonar por Quem consegue me fazer estar tão bem assim comigo mesma. E já que lhe escrevi, aproveito a oportunidade para lhe pedir uma confirmação acerca disto que contei”. Mas, a confirmação está ali, ela a tem na experiência que está fazendo. Como diz Giussani, a fé é uma experiência presente onde a pessoa tem a confirmação da verdade da experiência que faz, como para ela: a aventura recomeçou, a realidade se tornou interessante, as sugestões são ponto de partida, os instantes são passos; não é que precise de uma confirmação “externa” da autoridade, porque a autoridade, o seguir se dá dentro da experiência que faz, e aqui se vê de maneira radiante. No início, na primeira parte, havia uma certa referência à autoridade, externa, porque não estava envolvida na sua pessoa, agora se vê que a autoridade faz parte da experiência. Em que coisa se vê? Que muda a experiência. Vê-se pela própria experiência. Por quê? Porque a experiência é totalmente diferente. Como sempre digo: os ingredientes são os mesmos, a sopa é diferente. Onde

se vê isso? Na própria experiência. Ela o diz sinteticamente com uma palavra: seguir. Muda a experiência. Antes, era um seguir sem levar a sério a proposta – não é que fosse contra, não é que estivesse fazendo algo de diferente, simplesmente não levava a sério as hipóteses de trabalho para verificá-las –; depois, a um certo ponto, pela necessidade que tinha, começou a levar a sério, então começou a surpresa. A surpresa: porque, para ela, é uma surpresa pensar que, agora, começa a aventura que, antes, estava bloqueada. É tocante ler estas cartas de vocês, porque dizem melhor do que qualquer explicação o que é a vida. Gente normalíssima, como cada um de nós, que simplesmente leva a sério aquilo que nos dizemos e começa a verificá-lo, a vencer, a responder a todas as coisas, a usar a razão de modo diferente, a não flutuar como antes, a experimentar uma plenitude e uma intensidade que, antes, não conhecia. Digo isto porque é uma esperança para cada um de nós; não é um “personagem” que diz isso, não, quem diz isso é uma pessoa como nós. Qual é a diferença? Não o papel, não o cargo, não a responsabilidade que tem, mas que, na simplicidade, leva a sério a proposta que é feita, e acontece isto que eu acabei de ler. Eu sou o primeiro a ficar sem palavras diante do que acontece nas pessoas quando começam – como ela disse – a seguir.

**Colocação:** *Gostaria de tentar contar como o trabalho da Escola de Comunidade está iluminando a experiência do meu retorno à escola depois de um ano de ausência. Descobri que um uso não reduzido da razão tem a ver com uma possibilidade de novidade contínua, e de retomada, exatamente no instante. Nos primeiros dias do meu retorno à escola, eu estava muito preocupada, porque eu tinha um pouco de medo de não dar conta fisicamente e também eu tinha uma certa suspeita de que o meu retorno à vida normal fosse um “a menos” quanto à possibilidade de viver intensamente o real; depois dos fatos excepcionais de que fui objeto no ano que passou, quanto à minha doença, eu tinha medo que voltar à normalidade significasse, de certa maneira, um “a menos”. Quando, depois, na última Escola de Comunidade, você nos disse que o cristianismo é a modalidade subversiva e surpreendente de viver as coisas normais, eu entendi que já havia jogado fora o Dia de Início de Ano e estava em outro lugar, e isto me interrogou muito quanto ao meu retorno ao trabalho. É verdade que o cansaço aumentava, mas isto me obrigou, em cada dia, a verificar aquele ponto da contingência, porque eu nunca tinha me dado conta, como agora, de que se eu estou de pé é apenas e unicamente porque me apoio num Outro, e eu vejo isto todas as manhãs exatamente quando vou para a escola. Também comecei, devagar, a me observar em ação, e me dei conta que, quanto ao passado, havia toda uma série de coisas que, neste ano, eu comecei a fazer de maneira diferente: interrogar os jovens, corrigir as tarefas, tratar alguns estudantes particularmente difíceis; comecei a me perguntar o motivo. No ano passado, eu não fiz cursos de atualização, não me preocupei com o método de ensino e, voltando para a escola, eu não tinha programado mudar nada, porém descobri que a mudança dependia do fato que eu havia me tornado muito mais certa, por tudo o que eu havia visto, que, entrando em sala de aula, existe Alguém que vence e que eu sou, sobretudo, chamada a reconhecer isto. E isto me libertou da minha suspeita de que a normalidade não fosse uma ocasião para viver intensamente o real, e me fez também sentir unidas duas coisas que, para mim, eram divididas, ou seja, a minha doença e o meu trabalho, que, para mim, estavam sempre em aberta contradição. Eu não entendia que poderiam estar coligados. A outra coisa que estou descobrindo é que o uso verdadeiro da razão consiste, para o meu trabalho, na possibilidade de retomar realmente no instante e, portanto, me acontece muito frequentemente que exatamente de um instante para o outro, no momento em que me dou conta de que eu sou Tu-que-me-fazes, isto reabre uma possibilidade que, de outra forma, facilmente decairia. Estou descobrindo que, mesmo que eu não seja alguém que desista diante das dificuldades, existe uma maneira de não desistir que é um propósito seu de aderir ao real, e isto, depois de um pouco, tira o fôlego porque, seja como for, mesmo se as coisas estiverem bem, o seu propósito faz com que você fique ansioso e desgastado; e também exaspera o outro, porque, desta maneira, você não olha para aquele que está diante de você, mas só persegue aquilo que você tem na sua mente. Na semana passada aconteceu um episódio que me iluminou quanto a isto. No dia daquela chuvarada maluca que houve em Roma, eu cheguei à escola meio morta, como muitos romanos, e havia um caos na escola (as coisas não estavam no lugar, os alunos chegavam meio*

destruídos), e o meu primeiro pensamento foi: este será um dia perdido, porque nestas condições é impossível dar aula. Depois, dando-me conta daquilo que eu estava dizendo, entendi que a minha razão já havia sido revirada pela chuvarada, porque eu estava dizendo que não havia nada para fazer naquela situação. E eu disse para mim mesma: mas, por que é que esses alunos, os que conseguiram chegar à escola, estão aqui? Será que eu não devo tratá-los como uma presença? O que me impede de fazer isso? A partir daquele momento, simplesmente a partir dos diálogos que nasciam da aula de história ou do que era o trabalho de todos os dias, aconteceu toda uma série de pontos de reflexão muito bonitos. Saindo da escola, eu estava muito contente, mas não porque eu tinha conseguido dar aula e, por isso, não havia perdido tempo, mas porque, para usar a imagem que você usava da última vez, eu havia atravessado as turbulências de alguma maneira: este arriscar e o querer tratar aquela situação presente como uma presença, tudo isso me permitiu sair mais contente, mesmo em um dia em que há tantas coisas que me ferem e me fariam sofrer. Por isso, mesmo com respeito a todas as coisas que eu não entendo e que me fariam sofrer, estas experiências que estou vivendo – quanto ao que diz respeito ao uso alargado da razão – me fazem estar certa de que, seja como for, há um ponto no qual eu sou feita em cada instante, e que isto me sustenta e me liberta continuamente.

**Carrón:** E o que é que esta consciência tem que ver com a sua doença? Por que a sua doença foi positiva?

**Colocação:** Foi positiva porque eu, naquela circunstância que não escolhi, me dei conta de que realmente havia Alguém que me fazia no instante e que, exatamente através desta situação, me permitia verificar a minha fé continuamente. Ver que havia Alguém que me fazia companhia me modificou, mas me modificou nas coisas que diziam respeito ao trabalho, não apenas à doença.

**Carrón:** Quando dizemos que a circunstância é positiva estamos dizendo isto, e estamos dizendo que nos torna mais nós mesmos, tanto é verdade que podemos viver a normalidade com uma diversidade se comparado a antes; a circunstância não é apenas um momento de passagem que temos que suportar, mas introduz um olhar novo sobre mim, a ponto de eu poder começar a dar aula de maneira diferente e poder enfrentar a normalidade sem a redução de sempre, porque a doença (ou a dificuldade) me obrigou a não ficar na aparência, a usar a razão para poder viver de uma maneira mais verdadeira. E se vê que uma pessoa aprendeu isto porque, quando termina um determinado período, continua a usar a razão de maneira diferente: tornou-se sua uma modalidade nova de estar no real.

**Colocação:** Nestes últimos tempos me descobri frequentemente dando-me conta das coisas como presentes. Por exemplo, eu estou fazendo um doutorado, acompanho um graduando e ele tem um jeito de fazer as coisas que eu não suporto. Num certo momento, porém, ao invés de olhar para ele querendo que fizesse aquilo que eu dizia, parei e me dei conta de que ele estava ali e de que todas as coisas que interessavam a ele, e que a mim, talvez, não interessavam tanto, podiam ser uma oportunidade também para eu aprender aquilo que lhe agrada. Porém, eu não fiz nada para me descobrir nesta posição, e então a minha pergunta é esta: qual é o meu trabalho para que eu sempre me dê conta das coisas como presentes? O que quer dizer educar a razão para se abrir à linguagem do ser? Enquanto pensava nisso, me aconteceu uma coisa que, talvez, me tenha feito entender um pouco a resposta, porém gostaria de lhe pedir uma ajuda. Ontem, eu estava no metrô e estava lendo o texto do Dia de Início de Ano; num certo ponto, entrou um cara tocando acordeão, e eu comecei a pensar: “Olha para esse cara, vê se ele tinha que entrar justo aqui. Eu estava lendo, agora ele está me atrapalhando”. E, num primeiro momento, tentei me concentrar sobre o texto. Depois, num determinado ponto, pensei: mas, aqui, o que o Carrón está dizendo? Está pedindo para captar as coisas como presentes, e eu não estou nem mesmo considerando este cara ali; então, levantei os olhos e comecei a escutá-lo. Parece-me que fazer de forma séria o trabalho da Escola de Comunidade, de algum modo, me ajuda a olhar para as coisas como presentes, porém gostaria de entender se tem outra coisa, se é isto ou se tem algo a mais..

**Carrón:** É assim se não ficarmos apenas na aparência. O que quer dizer reconhecer as coisas presentes como presença? O que quer dizer que uma folha de papel, que está ali e não perturba você

– e então não pode nem mesmo obrigá-lo a fazer um trabalho, porque não incomoda você, porque não lhe dá aborrecimento –, grita uma presença? Que nós começamos a vislumbrar, pelo menos, as coisas presentes sem dá-las como óbvias, buscando nos identificar, para experimentar o que poderia se tornar a vida se eu começasse a me dar conta de não dar nada como óbvio, nada, nada, nada, sei lá o quê, nada! Ou seja, a olhar para as coisas presentes como presença. No lugar da folha, coloquem qualquer outra circunstância, mesmo dolorosa, mesmo sufocante, e mesmo naquela situação experimentem olhar para as coisas presentes como presença. Quando vocês estão presos ou sufocando, as coisas não estão presentes? Se olhássemos para as coisas presentes como presença, que respiro isso traria para o instante no qual estamos sufocando! Se nós não começamos a ver isto, quem o fará? Se nós não conseguimos vislumbrar o que ganharemos na vida ao fazer este trabalho que Dom Giussani nos propõe – que, como veem, é a mesma coisa que o Papa nos propõe –, nunca conseguiremos preencher a distância que sentimos entre nós e a preocupação educativa deles, é fatal! Porque somos levados a pensar imediatamente que qualquer outra coisa é mais importante, mas eles insistem sem parar apenas nisto. E nós temos muita dificuldade quanto a isto, assim, se através dos exemplos e dos testemunhos que eu leio, não chegamos a vislumbrar onde as pessoas começam a ver a pertinência disto para a vida, por que fazer tudo isso? Porque, como dissemos no Dia de Início de Ano, se você sufoca é porque você é positivista. Ponto. Sufoca? Não culpe a circunstância, não culpe o marido ou a mulher, não culpe o seu chefe, não culpe nada fora de você! Sufoca? Positivista! Porque o chefe pode ser assim, a mulher pode ser assim ou o empresário pode ser assim ou a circunstância pode ser assim, mas nenhuma dessas coisas pode impedir que eu viva esta circunstância de um modo não positivista, começando a respirar; de outra forma, a única coisa que eu posso fazer é esperar, esperar, esperar que aconteça algo que... Não, eu posso começar a viver qualquer circunstância de um modo diferente porque esta é a novidade que Cristo introduziu! Introduziu uma novidade na vida que me permite usar a razão segundo a sua verdadeira natureza, e por isso começo a olhar, como diz Giussani, as coisas presentes como presença. Sem isto qual é a conveniência humana da fé? Se, de fato, não nos foi prometido que nos seria poupada a fadiga de todos, por que é que devemos perder tempo e ficar aqui nesta noite, se não for para nos ajudarmos e nos sustentarmos em um uso da razão, em um modo de viver a realidade segundo a sua verdadeira natureza? O Papa disse isso: razão e natureza na sua correlação, porque apenas uma razão na sua correlação com a realidade pode ser não reduzida, e uma realidade em correlação com a razão pode ser não sufocante. Sem isto, vivemos como todos, e o cristianismo é apenas um grupo de pessoas que não consegue modificar, como alguém dizia, a normalidade. Mas nós vimos alguém que gritava a positividade da realidade continuamente, mesmo com oitenta anos, e todos sabemos a dor que ele suportava. Um testemunho assim introduz no mínimo alguma rachadura na nossa monolítica convicção de que não tem mais nada a fazer! E introduz um desejo de participar desta estrada! Temos que nos ajudar e pedir que esta intuição se torne operativa, para que possamos também respirar como Dom Giussani respirava em qualquer situação.

## **AVISOS:**

A próxima Escola de Comunidade será na quarta-feira dia **9 de novembro**, às 21h30. Retomaremos o capítulo XI de *O senso religioso*, sobre o qual já havíamos falado nos Exercícios da Fraternidade do ano que passou e que vocês poderão retomar também.

**Carrón:** Como vocês puderam ver no site de CL, foi publicado um documento de juízo sobre a situação, um juízo do Movimento de CL – “A crise: desafio para uma mudança”. É uma documentação disto que estamos dizendo, ou seja, é uma tentativa de olhar para a realidade a partir daquilo que dissemos esta noite, porque não podemos afirmar que a realidade não é positiva diante das montanhas ou das estrelas, se não pudermos dizer o mesmo diante da crise! Por isso, o que é que diz fundamentalmente o panfleto? Já começamos a receber reações a isto: “O juízo sobre a crise chegou como uma brisa fresca. Finalmente uma ajuda concreta para olhar isto que ainda não

me tocou pessoalmente, mas que alcança diversas pessoas ao meu redor e que se mostra ameaçadora no horizonte. Pareceu-me um exemplo claríssimo, sobretudo do que possa querer dizer fixar como presença as coisas presentes. Que a crise existe todos sabemos, mas normalmente eu passo para as consequências: o que fazer? Que estratégia adotar? Como é melhor me mover? Ou seja, eu salto o dado, o dado que tenho diante dos olhos e não consigo conhecer sua verdadeira natureza. O panfleto, pelo contrário, começa com clareza [este é o desafio: a realidade é positiva, primeiro porque coloca a pessoa em movimento; antes de todas as estratégias, a crise é um dado que me coloca em movimento, portanto é uma ocasião]. No grupinho de Escola de Comunidade, trabalhando exatamente o texto sobre a crise, depois de discutir longamente, emergiu claramente que, diante da crise, podemos reagir de duas maneiras. Uma é a reação de quem olha a crise como uma oportunidade: a realidade é, em última instância, positiva, e se coloca em movimento; a outra é a de quem fica com raiva e se rebela [e vai para a praça para jogar paralelepípedos contra os bancos]. Num certo ponto da discussão, um amigo perguntou: mas, qual é a diferença entre as duas posições? De onde nasce uma posição como aquela descrita pelo panfleto? Pareceu-me uma pergunta decisiva, sobretudo porque desmascarava tantas das minhas reduções. Mesmo tendo presente alguns fatos nos quais surpreendi em mim uma posição de abertura à realidade que estava diante de mim, naquele momento, diante da sua pergunta, não saberia responder de outra forma, se não com teorias e, no fundo, me dei conta de que eu teria reduzido a questão a uma diferença de postura psicológica; aquela pergunta, pelo contrário, se tornou também minha”. Tantas vezes pensamos que fazer o capítulo X de *O senso religioso* é algo como uma espécie de introspecção psicológica... mas, será que estamos loucos? Será que não temos mais nada para fazer? Estamos falando da natureza da realidade, não da introspecção psicológica! Estamos falando da natureza, da realidade e do eu. Mas nós, ao escutar Giussani dizendo “descer ao profundo do meu ser”, confundimos isto com uma espécie de introspecção psicológica – para dizer que nós estamos verdadeiramente “fora”; nós, não os outros!

Então, qual é o ponto, como dizia esta carta, o ponto mais revolucionário e decisivo do documento “A crise: desafio para uma mudança”? Está exatamente no início, onde se propõe e se coloca em ação aquela mudança de perspectiva de concepção que é o conteúdo do capítulo X de *O senso religioso* e do Dia de Início de Ano: a realidade é positiva. Mas, como se entende dos primeiros diálogos que tivemos, para todos a realidade não é positiva, tanto é verdade que basta que apareça uma outra coisa para que se coloque em dúvida e em discussão, ou para começar a flutuação que vimos; por isso, nos defendemos dela, a amaldiçoamos, a culpamos e gostaríamos de fugir para bem longe dela, sem negá-la e, se não for possível, esconder-se. O verdadeiro desafio então é este: por que podemos dizer que a realidade é positiva? Porque, se não o pudermos dizer com convicção, nós, diante da crise, ficamos calados, calados! Vamos nos unir ao cortejo dos lamentos – espero que não ao cortejo dos paralelepípedos, mas pelo menos ao dos lamentos, sim. Mas, nesse ponto vemos que não nos tornaremos uma presença se não enfrentarmos, cada um, pessoalmente, e juntos como comunidade, o desafio do real, o desafio da crise. De outra forma, diante dos companheiros, dos colegas, dos amigos que temos e que perderam o trabalho ou que estão atravessando dificuldades, não abriremos a boca porque não saberemos o que dizer. Então, é urgente isto, antes de tudo, em cada um de nós. Por que nós podemos dizer que a realidade é positiva? Atenção, não se trata de uma interpretação “católica” da realidade, como quem diz “como temos um certo ponto de partida, uma ideia preconcebida, um preconceito religioso, interpretamos a realidade como positiva, mesmo se, na realidade, ela seja negativa”, e por isso não podemos dizer isto a todos, porque outros não compartilham a nossa fé; pelo contrário, outros que não têm o nosso ponto de partida, interpretam de maneira diferente e têm direito de dizer que a realidade é negativa, ou seja, podem dizer pão ao pão e vinho ao vinho, porque não são obrigados pela ideologia. Não! Este é o desafio: não se trata de “batizar” a realidade, mas de reconhecê-la na sua verdadeira natureza. Por isto, é verdadeiramente a verificação daquilo que nos dizemos, porque, quando lemos o capítulo X de *O senso religioso*, ou trabalhamos sobre o Dia de Início de Ano, pensamos que são momentos “internos”, para os adeptos ao trabalho, para aqueles que já foram convencidos, mas não podemos dizer estas mesmas coisas sobre a realidade, temos que dizer outras coisas. Mas, agora, imprimimos

um juízo onde dizemos as mesmas coisas aplicadas à realidade; conseguem se sustentar sozinhas ou não conseguem? Porque se não se sustentam, não é só o juízo do panfleto que não se sustenta, é todo o capítulo X de *O senso religioso*; entendem? Então, este é o desafio, que Dom Giussani e o Papa mantêm, esta é a batalha: é verdadeiro ou não o juízo de que a realidade é positiva? Entendem que isto não pode ser resolvido simplesmente com os nossos bate-papos e com uma companhia sentimental? Ou com um modo de estar juntos que nos poupa este uso da razão? Isto não quer dizer que o devemos fazer de forma individualista; temos que nos acompanhar ao fazê-lo, mas nos acompanhar para que se torne pessoal, de cada um de nós, porque, de outra forma, não conseguiremos nos manter diante da crise. Por isso nós não batizamos ou rebatizamos nada, o que está em jogo é o reconhecimento que a razão faz da realidade na sua natureza última. Tudo o que existe, na medida em que aconteceu, na medida em que o Mistério permitiu que acontecesse – porque tudo tem uma origem naquele Tu –, pelo fato que aconteceu, é uma provocação para a nossa vida, ou seja, um convite à mudança, é uma oportunidade para um passo em direção ao destino, é para nós, é caminho, é instrumento do nosso caminho, é sinal, digamos assim: a realidade é sinal. Esta é a natureza última da realidade, e o que a crise coloca diante de todos é este desafio, para nós e para os outros, porque o desafio é para todos.

No panfleto fala-se daquela tradição judaico-cristã pela qual a realidade é percebida como positiva em última instância. Isso quer dizer que é algo que nós “acrescentamos” por causa da nossa tradição? Não. É que a nossa tradição, a nossa fé, despertando o senso religioso, despertando a nossa razão, despertando a nossa capacidade de estar no real e de tratar a realidade segundo a sua verdadeira natureza, nos permite perceber como positiva a realidade porque é positiva; o que é diferente de acrescentar algo à realidade como se fôssemos visionários: o fato que a fé desperte o senso religioso nos permite perceber a realidade segundo a sua verdadeira natureza. A realidade é ontologicamente positiva. O problema é que cedemos à tentação de entender de modo sentimental e moralista a afirmação “a realidade é positiva”, como se positiva significasse desejável e agradável. E visto que existem circunstâncias, dados que não podem ser percebidos como desejáveis, então nos parece que estamos sendo enganados, que jogam sujo conosco, quando dizem que a realidade é positiva. Por quê? Porque se não chegarmos a ver uma folha de papel presente como presença, ou uma doença como presença, ou qualquer outra coisa como presença de um Tu que está na origem, não conseguiremos dizer que a realidade é positiva. Por isto, se reduzimos a realidade à aparência, não poderemos chegar a dizer que é positiva, como dizia há pouco um amigo, contando de Marco Simoncelli, o motociclista morto durante a competição; diante de alguém que fazia piada com a sua morte, uma freira que estava presente, escutando, disse: “É uma desgraça que tenha morrido, ou é uma graça que alguém possa chegar à reta final?” No modo de reagir diante de uma desgraça se vê toda a nossa postura. Não é que alguém o deseje – não sabemos qual é o desígnio de Deus –, mas estamos certos de que chegou à reta final ou que teve um azar? Se não temos resposta para Simoncelli, não temos resposta nem mesmo para nós e para os nossos entes queridos, nem para os nossos doentes. A realidade é positiva porque existe. Na medida em que existe, a realidade é provocação, é sinal, e portanto é oportunidade para uma mudança, para acordar do meu torpor, como dizia antes a amiga professora, a doença pode ser oportunidade para aquele despertar que dá frutos inesperados, surpreendentes, como vimos. Mas, em quê implica um reconhecimento assim da realidade? A razão, um uso da razão segundo todos os fatores; um uso verdadeiro e pleno da razão, porque a razão é feita para captar a realidade como dado vibrante de uma atração, como provocação e como convite, nós nos dissemos. Mas, por causa da nossa fragilidade e pelo condicionamento do contexto, por causa do poder que nos circunda, muitas vezes é estranho este uso da razão, como ouvimos numa das cartas. Esta é uma das contribuições que Cristo nos veio trazer. Como estávamos nesta situação, Cristo se encarnou, se tornou carne, não para nos poupar deste trabalho da razão, mas para se tornar companheiro, para despertar toda a possibilidade da razão de reconhecer o real assim como é. Como dissemos no dia 26 de janeiro, quando Giussani disse que Cristo veio para despertar o senso religioso, está dizendo que veio para fazer com que nos tornássemos homens de tal modo a podermos olhar para a realidade segundo a sua verdadeira natureza, sem sermos visionários. É isso! Se fizermos isto podemos dialogar com todos, senão dialogaremos apenas com

o nosso umbigo, no nosso quarto, porque ficaremos com medo de falar com qualquer um que seja diferente. Por isto, não percamos de vista que estamos sempre fazendo o mesmo caminho desde o dia 26 de janeiro; agora, começamos a ver porque o senso religioso – do qual a razão é um sinal evidente e a realidade é um outro sinal – quando vivido desta maneira, é a verificação da fé, pois se diante destas situações não vivermos a realidade na sua verdadeira natureza, quer dizer que a fé – a nossa fé, como dizia Dom Giussani – carece de senso religioso, é uma fé que não é capaz de despertar o humano. Mas, quem se importa com uma fé que não é capaz de despertar o humano, de salvar o humano? É um obstáculo mais do que uma ajuda. Por isto, nos interessa fazer a verificação também com o panfleto, que é um instrumento para que nos joguemos no real e façamos a verificação não apenas aqui, na Escola de Comunidade, mas no real, jogando-nos com todos na crise. Por isso queremos usar este panfleto para uma batalha cultural pública, de CL, como uma modalidade de estarmos no real, de dar uma contribuição para os nossos colegas, para os nossos amigos, para levá-los à esperança que nós temos, mas uma esperança que não pode ser levada razoavelmente para este contexto se não por um uso verdadeiro da razão. Não poderemos nos tornar críveis apenas sendo “pios”, mas nos tornando verdadeiramente homens com o uso da razão. Como acontece com o Papa, que foi ao Parlamento alemão e desafiou a todos com um uso diferente da razão, porque a nossa contribuição será decisiva apenas se a inteligência da fé se tornar inteligência da realidade, de outra forma, podem até não nos colocar na prisão, mas, na sociedade, seremos como pessoas insignificantes para os homens. Este compromisso não é de curto prazo, mas nos acompanhará pelos próximos meses. O panfleto foi pensado para nos ajudar, a nós e a quem quer que encontremos, a ter razões adequadas para viver a crise como desafio para uma mudança, assim como para despertar a esperança de que há uma possibilidade, mesmo na crise, para cada um de nós. E somente nós como cristãos, somente nós, podemos levar isso adiante, porque para todos os outros vocês já veem o que acontece. O juízo que perpassa o panfleto é que o ímpeto de cada um é um bem para todos, porque a energia do eu não se exaure em si mesma, mas constrói um povo. E a história da Itália é uma demonstração disto, como vimos na exposição *150 anos de subsidiariedade*: na história da Itália, diante de situações muito piores do que a nossa, as pessoas se juntaram e construíram a Itália. Vemos que foi possível. Não é que aquilo que propomos não seja realista, a experiência de 150 anos documenta que foi mais realista do que qualquer teoria. Por isto, os momentos públicos promovidos diretamente pelo Movimento, podem ser associados à exposição sobre os *150 anos de subsidiariedade*.

Como exemplo para todos e como sugestão de uma imagem, que convidamos que seja proposta em todos os lugares, vai acontecer um primeiro encontro, em Milão, na **sexta-feira, 4 de novembro, às 21h**, no **Mediolanum Forum Assago**, no qual será lançado o conteúdo do panfleto, como um exemplo que cada um de vocês, nas comunidades de cada um, poderá repropor segundo a modalidade que acreditam ser a mais conveniente.

Está disponível na *AppStore* o aplicativo do *Livrinho de Cantos* para iPhone, iPad e iPod touch. Em breve estará disponível também o aplicativo do *Livro das Horas* [ambos em italiano].

Vamos concluir o nosso encontro rezando pelo encontro que teremos amanhã com o Papa e com os representantes das outras religiões, em Assis.

*Veni Sancte Spiritus*